

Esclarecimentos, de Giorgio Agamben

Fontes

<https://www.quodlibet.it/giorgio-agamben-chiarimenti>

<https://medium.com/@rondnunes/esclarecimentos-d01f7556bb90>

Tradução texto de Agamben publicada no site da editora Quodlibet no dia 17 de março de 2020)

Um jornalista italiano se dedicou, segundo as boas práticas de sua profissão, a distorcer e falsificar minhas considerações sobre a confusão ética em que a epidemia lança o país, onde não há sequer consideração pelos mortos. Assim como não é necessário mencionar seu nome, também não vale a pena responder às manipulações óbvias. Quem quiser ler meu texto Contagion pode fazê-lo no site da editora Quodlibet. Aqui publico outras reflexões, que apesar de sua clareza, provavelmente também serão distorcidas.

---

O medo é um mau conselheiro, mas deixa à mostra muitas coisas que fingíamos não ver. O problema não é dar uma opinião sobre a gravidade da doença, mas se perguntar sobre as consequências éticas e políticas da epidemia. A primeira coisa que a onda de pânico que paralisou o país mostra claramente é que nossa sociedade não acredita em nada além da vida nua. É evidente que os italianos estão dispostos a sacrificar praticamente tudo — as condições normais de vida, as relações sociais, o trabalho, até mesmo as amizades, as afeições e convicções religiosas e políticas — pelo perigo de adoecer. A vida nua — e o risco de perdê-la — não é algo que une as pessoas, mas que as cega e separa. Os outros seres humanos, como na peste descrita no romance de Alessandro Manzoni, são agora vistos unicamente como vetores possíveis da peste que devem ser evitados a todo custo e mantidos à distância de ao menos um metro. Os mortos — nossos mortos — não têm direito aos funerais e não sabemos o que acontecerá com os corpos de nossos entes queridos. Nosso próximo foi cancelado e é curioso que as igrejas se mantenham silenciosas sobre o assunto. O que acontece com as relações humanas em um país em que se acostumou a viver dessa forma por sabe-se lá quanto tempo? E o que é uma sociedade que não tem outro valor senão a sobrevivência?

A outra coisa, não menos preocupante que a primeira e que a epidemia deixou clara, é que o estado de exceção, ao qual os governos nos acostumam há algum tempo, de fato se tornou a condição normal. Houve epidemias mais graves no passado, mas ninguém jamais considerou declarar um estado de emergência como o de agora, que impede até que nos movamos. Os homens se acostumaram tanto a viver nas condições de crise e emergência perpétuas que parecem nem mesmo notar que suas vidas foram reduzidas a uma condição puramente biológica e perderam todas as suas dimensões, não só as sociais e políticas, mas até as humanas e afetivas. Uma sociedade que vive em um estado de emergência perpétuo não pode mais ser uma sociedade livre. Na verdade, vivemos em uma sociedade que

sacrificou a liberdade pelos chamados “motivos de segurança” e foi condenada a viver em um estado perpétuo de medo e insegurança.

Não surpreende que para o vírus se fale de guerra. As medidas de emergência de fato nos obrigam a viver em condições de quarentena. Mas uma guerra contra um inimigo invisível que pode se esconder em qualquer outra pessoa é a mais absurda das guerras. É, na verdade, uma guerra civil. O inimigo não está fora, está dentro de nós.

O que preocupa não é tanto o presente, ou não só ele, mas o depois. Tal como as guerras legaram à paz uma série de tecnologias nefastas, do arame farpado às centrais nucleares, também é muito provável que os governos busquem continuar, mesmo depois da emergência sanitária, os experimentos que não conseguiram realizar antes: que as universidades e as escolas sejam fechadas e que só se dê aulas on-line, que deixemos de nos encontrar e falar por razões políticas ou culturais e só troquemos mensagens digitais, que sempre que possível as máquinas substituam qualquer contato — qualquer contágio — entre seres humanos.